

A Erva-das-Pampas prolifera em Portugal mas é perigosa – provoca alergias e cortes na pele

written by 0 Cidadão | 2 de Novembro, 2024



A bióloga Hélia Marchante, professora da Escola Superior Agrária de Coimbra (ESAC), argumentou que a **erva-das-pampas** está transformada numa ameaça descontrolada e num problema de saúde pública em Portugal, face à sua disseminação crescente pelo território e capacidade de provocar alergias fora de época e cortes na pele.

Com efeito, ao ser originária das pampas – as planícies da América do Sul que se estendem do sul do Brasil pelo Uruguai e Argentina –, aquela espécie vegetal, cujo nome científico é '*cortaderia selloana*', acaba por florir e soltar as sementes

no hemisfério norte, desde meados do verão até à entrada do outono (época de primavera no hemisfério sul), podendo provocar um novo (e tardio) pico de **alergias respiratórias** na população portuguesa.

“Estamos perante um problema de saúde pública”, assegurou a investigadora, garantindo que **“já está claro”** para a comunidade científica que a planta **causa alergias**.

Mas não só: as suas folhas finas e compridas têm o potencial de provocar ferimentos na pele (cortes nas mãos e dedos de quem as manuseie), **daí o seu nome ‘cortaderia’**.

Segundo a especialista, a planta invasora é mais perigosa entre meados de agosto (início da floração) e novembro, altura em que deixa de largar sementes, maioritariamente por ação do vento, sendo o período até maio (quando começa a aparecer) o ideal para a arrancar da terra, sem o perigo de espalhar as suas sementes.

Isto porque, para ser erradicada de vez, a erva-das-pampas, que pode chegar a atingir quatro metros de altura, tem de ser retirada pela raiz, com recurso a instrumentos manuais ou maquinaria mais pesada.

Atualmente, já existem campanhas em alguns municípios a avisar a população contra a perigosidade desta espécie exótica invasora, cujo cultivo, criação, comércio, introdução na Natureza e repovoamento é proibido, segundo legislação nacional de 2019, mas cuja dispersão pela berma das estradas, ao longo da ferrovia ou, indiscriminadamente, em terrenos, campos agrícolas e no embelezamento de jardins públicos e privados parece incontrolável.

Uma campanha em curso ensina as pessoas a remover as plumas – que podem chegar a um metro de comprimento e onde se concentram milhares de minúsculas sementes que irão dar origem a outras plantas – e que são a face mais visível e atrativa da **“tão bonita, mas tão perigosa”** erva-das-pampas, que cresce em

altura e cuja cor varia do dourado ao prateado.

Embora admita que o cidadão comum não tem meios para fazer o controlo da espécie, Hélia Marchante defendeu que as pessoas podem conter a sua disseminação.

“Um cidadão que as tenha no seu jardim ou em redor da sua casa e corte as plumas [com uma tesoura de podar, as mãos e braços protegidos e colocando-as num saco fechado no final] está a conter aqueles milhões de sementes que não se vão espalhar”, observou a especialista.

As ações de educação ambiental em curso visam, essencialmente, as crianças das escolas, a quem são propostos cinco desafios de **ciência cidadã**, para que os mais jovens possam ficar conscientes do problema e ajudem a mudar a abordagem sobre a planta invasora.

“Temos coisas como o uso de uma aplicação para porem a erva-das-pampas no mapa, tiram uma fotografia e fica geolocalizada. Ou tirar uma fotografia todos os meses para verem como o ciclo de vida está a mudar, arranjam campanhas dentro ou fora da escola para eles passarem o problema para a comunidade, fazer ações para controlar, ou seja, envolvê-los um bocadinho e esperar que levem isso para casa”, explicou Hélia Marchante.

O projeto em curso, que envolve a remoção da espécie em mais de mil hectares, sucede a um outro, que terminou em 2022, e através do qual os investigadores e parceiros contactaram todos os municípios portugueses sobre a perigosidade da planta, embora a receção dos alertas, por vezes, não tenha sido a melhor.

O problema não é exclusivamente português – na Europa a expansão da erva-das-pampas estende-se pelo sudoeste de França e noroeste de Espanha, até à costa portuguesa de norte para sul – tendo resultado nos projetos internacionais que envolvem, também, investigadores franceses e espanhóis.

Atualmente, segundo Hélia Marchante, o “*Life Coop Cortadeira*” reúne 190 entidades dos três países envolvidos, desde municípios e comunidades intermunicipais, concessionárias de autoestradas e organismos públicos e privados, onde se inclui, também, uma componente mais formal, de capacitação e formação, em que estes parceiros são convidados a aderir à estratégia de luta contra a espécie invasora.

José Luis Sousa e Paulo Novais

OC/AJS/JLS/PN/Lusa